

Livrete de Questões

1º DIA

VESTIBULAR PUC-CAMPINAS 2010

DIREITO

Nº DE INSCRIÇÃO

--	--	--	--	--	--	--	--

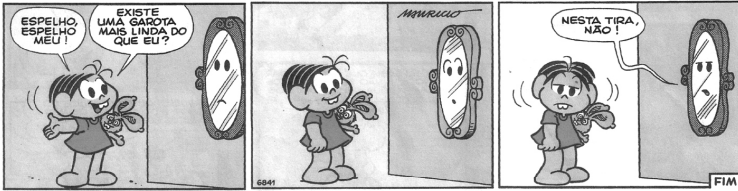
Nº DE SALA

--	--	--	--

INSTRUÇÕES

01. Escreva na capa, em local próprio, o seu NÚMERO DE INSCRIÇÃO e da sua SALA.
02. Dê as RESPOSTAS às QUESTÕES OBJETIVAS no FORMULÁRIO DE RESPOSTAS, nos campos ópticos próprios. Para tanto utilize apenas **caneta esferográfica preta**. Não poderá ser utilizada caneta esferográfica de qualquer outro tipo ou cor (vermelho, azul, roxo, roller-ball, porosas...).
03. Assine o Formulário de Respostas.
04. Para eventuais rascunhos, utilize-se dos espaços em branco constantes deste livrete. Os rascunhos não serão corrigidos.
05. As instruções para resolução das questões constam da prova. NENHUM COORDENADOR OU FISCAL DE SALA ESTÁ AUTORIZADO A PRESTAR INFORMAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES.
06. Somente poderá retirar-se da sala após 1 hora e 30 minutos do início da prova, ocasião em que deverá ter assinado a Lista de Presença e entregue o Livrete de Questões e o Formulário de Respostas.
07. Aconselha-se atenção ao transcrever as respostas deste Livrete de Questões para o Formulário de Respostas, pois rasuras poderão anular a questão.

LÍNGUA PORTUGUESA



(Grande almanaque de Férias Turma da Mônica, junho de 2008)

1. Para produzir o humor na história em quadrinhos acima reproduzida, o autor
- (A) trabalha de modo relevante a caracterização das personagens que dialogam na cena, chamando a atenção para a semelhança entre elas.
 - (B) estabelece jogo intertextual com conhecidas falas de tradicional história infantil, para sinalizar que esse tipo de narrativa está ultrapassado para o público contemporâneo.
 - (C) concentra-se essencialmente no silêncio do segundo quadro, resposta visual à pergunta feita com ansiedade.
 - (D) recupera situação narrativa bastante familiar ao universo infantil, inovando-a pela alteração que faz quanto às personagens em cena: são alheias à história tradicional.
 - (E) cria o desapontamento da protagonista valendo-se do pressuposto acionado pelo emprego de *nesta* no último quadro.

Atenção: Para responder às questões de números 2 a 8 considere o texto abaixo.

O que segue é fragmento do **Prefácio do tradutor**, na obra **Os jogos olímpicos na Grécia antiga**. Olímpia antiga e os jogos olímpicos.

1. O leitor talvez fique surpreso de encontrar a palavra “Grécia” apenas no título deste livro (apenas por uma questão de primeira identificação), ao passo que em todas as outras páginas unicamente se mencione o seu sinônimo mais erudito:
5. “Hélade”. Do mesmo modo, não encontrará, como ocorre praticamente em todas as traduções que versam sobre a “Grécia antiga”, o etnônimo “grego”, com referência ao povo da “Hélade”, mas sim o termo “heleno”, utilizado para este mister.
- Não se trata, desde logo, de pedantismo ou mera
10. afetação de erudição. O termo “Grécia” jamais foi empregado pelos povos de língua helênica para designar o seu país: nos tempos históricos, os helenos chamavam sua pátria de Hellás (que é, atualmente, o nome oficial do país) e denominavam-se a si mesmos “helenos”, nome de uma tribo que, na época das
15. migrações, estabeleceu-se em uma parte da Tessália. Foram os romanos que denominaram Graii os colonos de Cumas,

pois Graia era o nome de um distrito obscuro da Grécia ocidental, de onde, talvez, tivessem emigrado alguns colonos.

Graeci é, portanto, uma forma derivada de Graii, e Graecia foi

20. o nome dado pelos romanos à Hélade. Desse modo, o termo “Grécia” está vinculado ao período de dominação da Hélade pelos romanos. Esse termo se impôs no Ocidente, mesmo depois que a Hélade se tornou independente.

Ora, recentemente, quando a Hélade passou a fazer

25. parte da União Europeia, o nome que passou a ser incluído entre as nações integrantes foi Hellás (“Hélade”), que é o nome oficial do país, e não Graecia ou Greece [...].

(M. Andronicos e outros. Trad. de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus Editora, 2004, p. XII)

2. É correto afirmar que, no texto acima,
- (A) o tradutor constrói um discurso dissertativo, no qual defende a superioridade histórica dos helenos sobre outras tribos ocidentais.
 - (B) o tradutor argumenta para demonstrar que outros autores que tratam da “Grécia antiga” nem sempre têm domínio pleno da história dos povos estudados.
 - (C) o tradutor faz esta advertência ao leitor acerca da peculiaridade da obra prefaciada: termos eruditos não são usados por afetação, mas em respeito à correta etimologia das palavras.
 - (D) a exposição do tradutor esclarece que sua opção pelo termo *Hélade* está ancorada na tradição dos helenos, cujo zelo pela independência se expressa na escolha do nome oficial do país.
 - (E) a intenção do tradutor, como ocorre em todo prefácio, é orientar a leitura da obra: neste caso, narrando episódios históricos, salienta que o período tratado é o da dominação da *Hélade* pelos romanos.

3. No primeiro parágrafo,
- (A) o tradutor levanta hipóteses baseado no senso comum e se dedica, em seguida, a comprovar a inconveniência das suposições.
 - (B) o paralelo entre o *título* (linha 2) e as *outras páginas* (linhas 3 e 4) evidencia a consciência do tradutor acerca da perda de precisão devido à mudança efetuada, como o comprova o emprego de *unicamente* (linha 4).
 - (C) o tradutor explicita, nos parênteses (linhas 2 e 3), o motivo do emprego da palavra “Grécia”.
 - (D) o emprego da expressão *ao passo que* (linha 3) tem o mesmo valor do observável na frase “Sua retidão de caráter se fortalecia ao passo que enfrentava os sucessivos desafios”.
 - (E) o emprego das aspas em “Hélade” (linha 5) e “heleno” (linha 8) é indicativo de que as palavras foram empregadas em sentido figurado.

4. <i>Do mesmo modo, não encontrará, como ocorre praticamente em todas as traduções que versam sobre a “Grécia antiga”, o etnônimo “grego”, com referência ao povo da “Hélade”, mas sim o termo “heleno”, utilizado para este mister.</i> Considerado o período acima, em seu contexto, é correto afirmar: (A) o emprego da forma verbal <i>encontrará</i> constitui deslize, se for levada em conta a natureza da situação comunicativa – trata-se de um prefácio. (B) o emprego de <i>praticamente</i> é recurso para atribuir certa reserva ao que se afirma acerca das <i>traduções que versam sobre a “Grécia antiga”</i>. (C) o emprego de uma vírgula após <i>traduções</i> preserva a correção e o sentido originais da frase. (D) tomado como certo que <i>etnônimo designa tribo, etnia, raça, grupo humano definido, nação e, em alguns casos, equivale a nome gentílico ou gentílico</i>, a palavra, no prefácio, está empregada em sentido figurado. (E) na formulação <i>mas sim o termo “heleno”</i> está subentendida a expressão “poderá ser adotado”.	7. A alternativa que apresenta legítima afirmação, sempre considerado o contexto, é: (A) (linhas 19 e 20) Transpondo Graecia <i>foi o nome dado pelos romanos à Hélade</i> para a voz ativa, a forma verbal corretamente obtida é “deu-se”. (B) (linha 22) Transpondo <i>Esse termo se impôs no Ocidente</i> para a voz passiva, a forma correta é “Impuseram esse termo no Ocidente”. (C) (linhas 22 e 23) Na expressão <i>mesmo depois, mesmo</i> exprime ideia de inclusão. (D) (linha 23) O termo <i>independente</i> exerce a mesma função sintática exercida pelo segmento destacado em “Concedeu-lhe <u>o abono prometido</u>”. (E) (linha 24) <i>Ora</i> foi empregado com o mesmo valor e função notados na frase “Ora é um cavalheiro, ora surpreende pela deselegância”.
5. Levando em conta o parágrafo dois, em seu contexto, afirma-se com correção que: (A) (linhas 9 e 10) Substituindo <i>pedantismo ou mera afetação de erudição</i> por “atitudes presunçosas”, a forma verbal a ser adotada para manter a correção gramatical é “tratam”. (B) (linhas 10 a 15) Na estruturação do texto, o segmento que vai de <i>O termo “Grécia” a uma parte da Tessália</i> constitui uma justificativa. (C) (linha 11) Os dois-pontos introduzem a voz dos helenos, expressa diretamente. (D) (linha 13) Os parênteses acolhem uma correção. (E) (linhas 13 e 14) A formulação <i>denominavam-se a si mesmos</i> equivale, sem prejuízo da correção e do sentido originais, a “denominavam-se reciprocamente”.	8. No prefácio, <i>onde</i> (linha 18) está empregado em consonância com o padrão culto escrito. A frase em que o emprego dessa palavra foge a tal padrão é: (A) Acabamos resolvendo tudo, é onde eu digo que não adianta sofrer por antecipação. (B) Nas páginas iniciais do trabalho, é onde se nota o maior cuidado com a precisão. (C) Encontrei-o numa feira de produtos orgânicos, onde jamais pensei encontrá-lo. (D) O lugar onde ele nasceu foi-lhe irreconhecível depois de dez anos. (E) Não sabiam onde se realizaria o encontro.
6. <i>Foram os romanos que denominaram Graii os colonos de Cumas, pois Graia era o nome de um distrito obscuro da Grécia ocidental, de onde, talvez, tivessem emigrado alguns colonos.</i> Na frase acima, a substituição que preserva o padrão culto escrito e o sentido originais é a de (A) <i>Foram os romanos que denominaram Graii os colonos de Cumas</i> por “A denominação Graii dada aos colonos de Cumas devem-se aos romanos”. (B) <i>pois</i> por “portanto”. (C) <i>de onde</i> por “de cuja”. (D) <i>de onde</i> por “do qual”. (E) <i>tivessem emigrado</i> por “havia emigrado”.	9. A frase que está redigida de maneira clara e correta é: (A) Frente algumas questões, atrapalhou-se, sendo que ficou prejudicado. (B) Minha trajetória estudantil, como a maioria dos indígenas brasileiros, é marcada por muitos preconceitos e com alguma superação das dificuldades. (C) No século XIX, casamentos arranjados eram muito comum e mais ainda, para garantir ascensão social. (D) É uma forma de fraude inovadora, que não nos demos conta ainda. (E) A questão de o exercício do jornalismo dispensar diploma é controversa, por isso muitos reivindicam discussão mais ampla sobre o tema.
	10. A frase em que o emprego do elemento destacado respeita o padrão culto escrito é: (A) Nem tudo o que eles citaram <u>advinha</u> de doações dos associados. (B) Ele que <u>continui</u> a atrasar as encomendas e perderá a clientela. (C) Se ele <u>requiser</u> a aposentadoria antecipadamente, perderá alguns benefícios. (D) Alguns estudos do artista constituem-se verdadeiras <u>obras-prima</u>. (E) Caso ele <u>repõe</u> o que desviou, pode conseguir atenuação de pena.

Específicas Atenção: Para responder às questões de números 11 a 14 considere o texto abaixo. (...) <i>plebe tão em extremo plebe, que só ela o pode ser da que se repute e mais infame, e o é de todas as plebes, por compor-se de índios, de negros, criolos e boçais de diferentes nações, de chineses, de mulatos, de "zambaigos"*, e também de espanhóis que, declarando-se "zaramullos" (que é o mesmo que pícaros, grosseiros e "arrebatacapas") e degenerando de suas obrigações, são os piores entre canalhas tão ruins.</i> *Filho de mulato e ameríndia (Carlos Sigüenza y Góngora. Relaciones históricas. México: Biblioteca del Estudiante Universitario, UNAM, 1972, p. 133 Apud Angel Rama. A cidade das letras. Trad. Emir Sader. SP: Brasiliense, 1984, p. 57) 11. O significado original do termo <i>plebe</i>, usado para designar a maioria da população romana durante a Antiguidade, remetia a uma camada social composta por (A) cidadãos nativos, de origem não nobre, que se diferenciavam dos estrangeiros e da nobreza monárquica. (B) servos da gleba, mascates, artistas saltimbancos e artesãos, homens livres que não possuíam terras e não tinham direito à cidadania. (C) pobres e despossuídos, tanto no campo como nas cidades, que eram considerados cidadãos e recebiam a proteção do Estado. (D) camponeses, artesãos, pequenos proprietários e comerciantes, homens livres, impedidos de participação na instância superior do poder. (E) trabalhadores braçais, isentos do pagamento de impostos e sem direitos civis, que prestavam serviços às famílias patrícias em troca de um pedaço de terra. <tr><td data-bbox="815 107 1575 1537"> 13. Como se vê nesse texto, preconceitos étnicos, de classe ou de outro tipo podem habitar a cultura. Tivemos exemplo disso em literatura com Gregório de Matos, que em sua poesia satírica não poupou críticas ferozes contra (A) as escravas que lutavam pela alforria dos filhos. (B) os zelosos membros da burocracia colonial. (C) os brancos que prosperavam no comércio. (D) os enriquecidos mestiços que encobriam sua origem. (E) as índias que buscavam sustento na cidade. 14. Para alcançar os efeitos da sátira, e atendendo ainda a características do estilo barroco, Gregório de Matos valia-se com frequência de (A) trocadilhos, jogos sonoros e vocabulário chulo. (B) metáforas e metonímias abstratas e enigmáticas. (C) símbolos referidos à espiritualização da natureza. (D) inversões sintáticas e alegorias religiosas. (E) cortes rítmicos bruscos e expressão de culpa. Atenção: Para responder às questões de números 15 e 16 considere o texto abaixo. <i>A sua ferocidade ultrapassa tudo: sulcam de profundas cicatrizes, com um ferro, as faces dos recém-nascidos para lhes destruir as raízes dos pelos; e desse modo crescem e envelhecem imberbes e sem graça, como eunucos. Têm o corpo atarracado, os membros robustos e a nuca grossa: a largura das costas fá-los assustadores . (...) Não põem pé em terra nem para comer nem para dormir e dormem deitados sobre o magro pescoço da montada, onde sonham à sua vontade. (..) Nenhum deles se for interrogado poderá dizer donde é natural, porque, concebido num lugar, nasceu já noutro ponto e foi educado mais longe.</i> (Descrição dos Hunos em Fernando Espinosa. Antologia de textos históricos medievais. Lisboa: Sá da Costa, 1972, p. 4-6) </td></tr>	13. Como se vê nesse texto, preconceitos étnicos, de classe ou de outro tipo podem habitar a cultura. Tivemos exemplo disso em literatura com Gregório de Matos, que em sua poesia satírica não poupou críticas ferozes contra (A) as escravas que lutavam pela alforria dos filhos. (B) os zelosos membros da burocracia colonial. (C) os brancos que prosperavam no comércio. (D) os enriquecidos mestiços que encobriam sua origem. (E) as índias que buscavam sustento na cidade. 14. Para alcançar os efeitos da sátira, e atendendo ainda a características do estilo barroco, Gregório de Matos valia-se com frequência de (A) trocadilhos, jogos sonoros e vocabulário chulo. (B) metáforas e metonímias abstratas e enigmáticas. (C) símbolos referidos à espiritualização da natureza. (D) inversões sintáticas e alegorias religiosas. (E) cortes rítmicos bruscos e expressão de culpa. Atenção: Para responder às questões de números 15 e 16 considere o texto abaixo. <i>A sua ferocidade ultrapassa tudo: sulcam de profundas cicatrizes, com um ferro, as faces dos recém-nascidos para lhes destruir as raízes dos pelos; e desse modo crescem e envelhecem imberbes e sem graça, como eunucos. Têm o corpo atarracado, os membros robustos e a nuca grossa: a largura das costas fá-los assustadores . (...) Não põem pé em terra nem para comer nem para dormir e dormem deitados sobre o magro pescoço da montada, onde sonham à sua vontade. (..) Nenhum deles se for interrogado poderá dizer donde é natural, porque, concebido num lugar, nasceu já noutro ponto e foi educado mais longe.</i> (Descrição dos Hunos em Fernando Espinosa. Antologia de textos históricos medievais. Lisboa: Sá da Costa, 1972, p. 4-6)
13. Como se vê nesse texto, preconceitos étnicos, de classe ou de outro tipo podem habitar a cultura. Tivemos exemplo disso em literatura com Gregório de Matos, que em sua poesia satírica não poupou críticas ferozes contra (A) as escravas que lutavam pela alforria dos filhos. (B) os zelosos membros da burocracia colonial. (C) os brancos que prosperavam no comércio. (D) os enriquecidos mestiços que encobriam sua origem. (E) as índias que buscavam sustento na cidade. 14. Para alcançar os efeitos da sátira, e atendendo ainda a características do estilo barroco, Gregório de Matos valia-se com frequência de (A) trocadilhos, jogos sonoros e vocabulário chulo. (B) metáforas e metonímias abstratas e enigmáticas. (C) símbolos referidos à espiritualização da natureza. (D) inversões sintáticas e alegorias religiosas. (E) cortes rítmicos bruscos e expressão de culpa. Atenção: Para responder às questões de números 15 e 16 considere o texto abaixo. <i>A sua ferocidade ultrapassa tudo: sulcam de profundas cicatrizes, com um ferro, as faces dos recém-nascidos para lhes destruir as raízes dos pelos; e desse modo crescem e envelhecem imberbes e sem graça, como eunucos. Têm o corpo atarracado, os membros robustos e a nuca grossa: a largura das costas fá-los assustadores . (...) Não põem pé em terra nem para comer nem para dormir e dormem deitados sobre o magro pescoço da montada, onde sonham à sua vontade. (..) Nenhum deles se for interrogado poderá dizer donde é natural, porque, concebido num lugar, nasceu já noutro ponto e foi educado mais longe.</i> (Descrição dos Hunos em Fernando Espinosa. Antologia de textos históricos medievais. Lisboa: Sá da Costa, 1972, p. 4-6)	

16. Nessa descrição que faz Espinosa, os elementos da barbárie e da animalização do homem ganham uma expressão igualmente violenta, e parecem antecipar (A) o prestígio que ganhariam as descrições pitorescas e detalhistas nos tratados dos primeiros viajantes e exploradores coloniais. (B) os recursos de que se valeriam os prosadores naturalistas, interessados em associar condição biológica, classe social e comportamento humano. (C) as imagens de que se valeriam os modernistas de 22, quando buscavam denunciar uma história nacional marcada por sucessivas violências. (D) o gosto manifesto por escritores intimistas da década de 30 do século passado, quando davam vazão à melancolia e à negatividade pessoais. (E) a atitude de poetas interessados no peso das palavras, consideradas como signos concretos, materiais, expressivos por si mesmos.	18. Levando em conta o que afirma o texto, conclui-se que, em sua obra-prima, Guimarães Rosa (A) buscou sobretudo exaltar a natureza tropical, vista como espaço propício para as grandes aventuras. (B) historiou a formação dos grupos de jagunços, que se deu por iniciativa de violentos proprietários feudais. (C) elegeu os valores do universo feudal dos jagunços como parâmetros para o futuro da civilização moderna. (D) narrou o lírico caso de amor de Riobaldo, contrastando-o com os conflitos violentos entre jagunços e senhores feudais. (E) valorizou elementos primitivos da ética feudal ao narrar as sagas de jagunços nas terras rudes do sertão.
<u>Atenção:</u> Para responder às questões de números 17 e 18 considere o texto abaixo. <i>Em qualquer sociedade de tipo feudal, a lealdade dos servos se exercita em troca da segurança que o senhor pode dar. Creio que a lealdade dos jagunços, em face do chefe, tinha também um fundamento parecido: seria talvez o medo da solidão em face de uma natureza tão grandiosa, tão áspera, tão despovoada que levaria aqueles homens humildes a aderir ao grupo guerreiro, entregando-se a uma vida aventureira em troca de uma solidariedade fraterna. A aventura: "eu avistava as novas estradas, diversidade de terras". A ausência de fraternidade, do amor, parece ser sinal de alienação para o jagunço: "Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura", diz Riobaldo. A lealdade é, porém, o grande valor social, disseminado entre os jagunços de Grande sertão: veredas.</i> (Adaptado de Fernando Correia Dias. Aspectos sociológicos de Grande sertão: veredas, in Guimarães Rosa – Fortuna crítica. Org. por Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / INL, 1983, p. 401) 17. O texto faz referência a um tipo de relação social que, na Idade Média, deve-se ao fato de, nesse período, (A) a mentalidade e sensibilidade da nobreza medieval apoiarem-se no forte sentimento de solidariedade entre os que trabalhavam, os que rezavam e lutavam nas guerras. (B) a economia, a sociedade e a política basearem-se nas relações de suserania e vassalagem dentro do grupo dos senhores e nas relações de dominação entre os senhores e servos. (C) os grupos sociais serem constituídos de servos e escravos, que garantiam a sobrevivência material da sociedade, em troca de proteção de vida nas expedições militares. (D) a honra e a palavra terem importância fundamental, sendo os senhores feudais e os servos ligados por um complexo sistema de tradições e obrigações de suserania e vassalagem. (E) o feudo, unidade socioeconômica básica, ser formado por porções de terras de uso comum que, juntas, constituíam um corpo autossuficiente de produção e consumo familiar dos servos.	<u>Atenção:</u> Para responder às questões de números 19 e 20 considere o texto abaixo. <i>Se a complexidade que o movimento renascentista representou deve ser vista como a raiz de nossa consciência moderna, então não se deve ressaltar apenas a dimensão metódica e harmoniosa em torno do eixo dessa consciência. Deve haver nela um espaço equivalente para a fantasia, a angústia, o desejo, a vontade, a sensação e o medo também. Neste sentido é que estaríamos mergulhando fundo em nossa raiz, neste sentido é que seríamos realmente radicais e poderíamos declarar como Lord MacBeth:</i> <i>"Ouso tudo o que é próprio de um homem; Quem ousar fazer mais do que isso, não o é".</i> (Nicolau Sevcenko in Antonio P. Rezende e Maria T. Didier Rumos da História: História Geral e do Brasil. São Paulo: Atual, 2001, p.123) 19. O texto de Nicolau Sevcenko permite inferir que, com o Renascimento, o (A) estudo de textos clássicos passou a ser valorizado como o fundamento único de comprovação da verdade. (B) homem passou a ser inserido no campo da ciência, o que reduziu sua capacidade para a erudição. (C) conhecimento escolástico medieval passou a ser a estrutura científica básica da visão de mundo do homem. (D) homem passou a ser visto como autor de sua própria história, o que multiplicou seu espaço de ação e reflexão. (E) homem passou a examinar criticamente o mundo das ideias, o que impediu que agisse sobre o próprio destino. 20. Valores renascentistas, como o do poder da racionalidade, e os dramas da consciência moderna, a que não falta o sentido de um impasse histórico, entram em conflito em "A máquina do Mundo", de Carlos Drummond de Andrade, já que nesse monumental poema de Claro enigma o autor (A) explora os limites do lirismo dramático de um Oswald de Andrade. (B) propõe-se a investigar os projetos nacionalistas de Mário de Andrade. (C) despoja-se da consciência histórica para realçar as mais livres fantasias. (D) ridiculariza seu destino de homem sentimental e deslocado no mundo. (E) faz frente à razão absoluta com a convicção melancólica de um indivíduo.

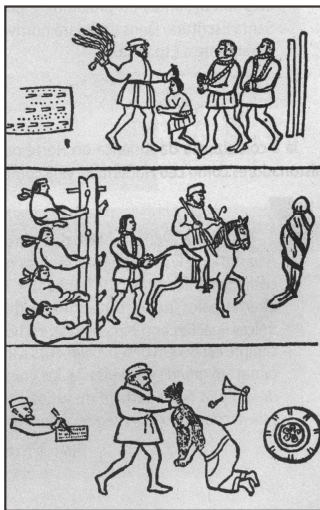
Atenção: Para responder às questões de números 21 e 22 considere o texto abaixo. <i>Ó mar salgado, quanto do teu sal São lágrimas de Portugal! Por te cruzarmos, quantas mães choraram, Quantos filhos em vão rezaram! Quantas noivas ficaram por casar Para que fosses nosso, ó mar!</i> <i>Valeu a pena? Tudo vale a pena Se a alma não é pequena Quem quer passar além do Bojador Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu, Mas nele é que espalhou o céu.</i> (Fernando Pessoa. Obras poéticas (volume único). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 16) (G e R, p. 148) 21. Nessas estrofes, (A) as marcas simbolistas estão no emprego de <i>mar salgado</i> e <i>além do Bojador</i> como alegorias da decadência de Portugal. (B) os versos livres, convocados para empolgar um tom épico, denunciam a presença de um poeta modernista. (C) os efeitos da irregularidade métrica são compensados pela estrita observância de um esquema de rimas. (D) os versos cadenciados e a eloquência da linguagem ajustam-se ao tema grandioso das glórias passadas de um povo. (E) o intimismo lírico e o tom épico contrastam admiravelmente, o que também ocorre entre o tom formal e o informal da linguagem. 22. O poema de Fernando Pessoa remete à Expansão Marítima do século XV. Explicam o pioneirismo português, nesse processo de expansão, a I. utilização, pelos marinheiros portugueses, de conhecimentos cartográficos, baseados nas teorias de Ptolomeu. II. posição geográfica do país, já que Portugal, banhado pelas águas do Atlântico, era o reino mais ocidental da Europa. III. existência de um poder centralizado e de um Estado unificado, sem dissensões internas e a longa experiência de pescadores e marinheiros na costa do Atlântico. IV. crença dos reis portugueses da existência de um continente ao sul do oceano Índico, mostrado nos mapas da época. Está correto o que se afirma SOMENTE em (A) I e II. (B) I e III. (C) I e IV. (D) II e III. (E) III e IV.	Atenção: Para responder às questões de números 23 e 24 considere o texto abaixo. <i>Recorda que tempo é dinheiro (...) Recorda que crédito é dinheiro (...) o dinheiro pode gerar dinheiro (...) O caminho da riqueza depende principalmente de duas palavras: diligência e frugalidade; isto é, não desperdices tempo nem dinheiro, mas os emprega da melhor maneira possível.</i> (Benjamin Franklin, 1748. Apud Leandro Karnal. Estados Unidos: a formação da nação. São Paulo: Contexto, 2001, p. 91) 23. Comentada nesse trecho, a onipotência do dinheiro, como elemento que passa a permeiar todos os valores sociais, é um tema muitas vezes central na literatura, sobretudo nos romances do século XIX. Entre românticos brasileiros, como José de Alencar, a importância do dinheiro revela-se sobretudo (A) como apologia dos hábitos e do status do indivíduo burguês. (B) para contrastar com as mais altas idealizações amorosas. (C) para emprestar alguma verossimilhança a narrativas imaginosas. (D) como índice de desencanto e comicidade da vida urbana. (E) para ratificar a tese de que os homens só valem pelo que possuem. 24. As ideias apresentadas no texto têm relação com (A) a ética protestante, na qual religiosidade, trabalho honesto e busca pelo lucro se mesclam harmonicamente, perspectiva muito cara aos calvinistas e que foi bastante difundida na região da Nova Inglaterra. (B) a crença de que o enriquecimento e o impulso à expansão do capitalismo eram formas de redenção espiritual, aspecto fundamental da filosofia dos <i>quakers</i> que se instalaram em colônias centrais como Nova Iorque, Nova Jersey e Pensilvânia. (C) os objetivos dos imigrantes anglicanos, que eram instalados temporariamente pela monarquia inglesa nas colônias meridionais como Massachussets e Geórgia, a fim de “fazer a América”, isto é, acumular capital e regressar à Inglaterra. (D) o <i>way american of life</i>, doutrina difundida no contexto da independência das Treze Colônias a fim de atrair trabalhadores de países vizinhos dispostos a colaborar com o progresso norte-americano. (E) a ideologia difundida pelos puritanos, os <i>Pilgrim Fathers</i>, que se instalaram na região sul e protagonizaram a Marcha para o Oeste, processo que derivou na implantação do sistema familiar e altamente lucrativo conhecido como <i>plantation</i>.
---	--

Atenção: Para responder às questões de números 25 e 26 considere o texto abaixo.

Os prejuízos e as perdas que por virtude de todas essas causas recebeu a Coroa de Castela e de Leon e que toda a Espanha há de receber ainda por todas as devastações e matanças que perpetrar no resto dos índios, os cegos o verão, os surdos o ouvirão, os mudos o gritarão e os sábios o julgarão. E pois que não podemos viver muito tempo, apelo para o testemunho de Deus, para todas as hierarquias e ordens dos Anjos, para todos os homens do mundo, principalmente para os que viverem ainda muito tempo, que certifiquem o que digo e sejam testemunho do desengargo que faço da minha consciência. Porque se sua majestade permitir aos espanhóis todos os diabólicos processos referidos e as tiranias quaisquer que sejam as leis e os estatutos que se queriam fazer, todas as índias em pouco tempo estarão despovoadas como deserta está agora a Ilha Espanhola e os países que lhes são distantes ou próximos. E por todos esses pecados (como bem sei pela Santa Escritura) Deus castigará horrivelmente e é possível mesmo que destrua inteiramente a Espanha.

(Bartolomeu de Las Casas)
(Antonio P. Rezende e Maria T. Didier. **Rumos da História:** História Geral e do Brasil. São Paulo: Atual, 2001, p 209- 210)

25. Observe a figura e analise o texto de Bartolomeu de Las Casas.



Gravura feita por nativos da América

Pode-se estabelecer uma relação entre o texto e a figura, na medida em que, o texto

- (A) faz uma denúncia contra a violência da colonização espanhola, enquanto a figura ilustra cenas de violências praticadas pelos espanhóis durante a colonização.
- (B) revela que a maioria dos indígenas morreu vítima da violência dos espanhóis, enquanto a figura retrata o tráfico de escravos indígenas.
- (C) destaca a coragem e o espírito empreendedor dos espanhóis, enquanto a figura faz uma denúncia contra os maus tratos dos espanhóis na população indígena.
- (D) mostra o espírito de justiça dos espanhóis durante a colonização, enquanto a figura trata do olhar de quem se angustiou com o massacre do índio americano.
- (E) analisa a colonização da América espanhola séculos depois, enquanto a figura faz uma comparação entre as práticas de violência dos espanhóis e portugueses.

26. Tanto o assunto desse texto, em que se articulam preocupação social, religião e poder de Estado, como sua linguagem, em que há clara disposição de argumentos e uso de expressivos recursos retóricos, fazem um leitor brasileiro pensar nos
- (A) prefácios românticos de Álvares de Azevedo.
 - (B) textos contundentes dos prosadores naturalistas.
 - (C) sermões barrocos do padre Antonio Vieira.
 - (D) textos de doutrinação estética de Gonçalves Dias.
 - (E) manifestos poéticos dos simbolistas.

Atenção: Para responder às questões de números 27 e 28 considere o texto abaixo.

Durante cinco anos, em livros como **Menino de engenho**, **Bangüê** e **Doidinho**, o romancista nos trazia mais um caso da família do coronel José Paulino, mais uma vicissitude do engenho do Santa Rosa, mais um aspecto da existência nas lavouras de cana do Nordeste, e da indústria do açúcar. Com **Usina** esgotou o assunto. Sem se repetir, não poderia continuar a estudar o tema.

Que daria José Lins do Rego sem o açúcar, sem as recordações de infância? O romance **Pureza** foi a resposta do romancista, que permitiu aquilatar com segurança sua capacidade de criar livremente, sem o ponto de partida das evocações de gente e coisas familiares.

(Adaptado de Lúcia Miguel Pereira, prefácio a **Pureza**, de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956)

27. Considere as afirmações a respeito da produção açucareira no Brasil.
- I. A produção açucareira nas colônias portuguesas enriqueceu sobretudo a Holanda, que comercializava o produto, ainda que o Brasil tivesse conseguido ostentar, por mais de três séculos, o título de maior produtor mundial de açúcar.
 - II. A queda na demanda do açúcar no mercado europeu, na segunda metade do século XVII, e a concorrência com a produção de açúcar no Caribe, levaram a uma queda dos preços e o consequente declínio da economia colonial luso-brasileira.
 - III. No fim do século XVIII e no início do século XIX houve um reaquecimento da produção açucareira no Nordeste, bem como sua expansão para o Sudeste, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.
 - IV. A chamada indústria do açúcar, que alternou momentos de crescimento e decadência, foi substituída pela indústria do café, no século XX, resultando no fim da presença significativa desse produto no cenário nacional, que já havia passado por um momento de crise durante o período da mineração.

Estão corretas SOMENTE

- (A) I e III.
- (B) I, II e IV.
- (C) II e III.
- (D) I, III e IV.
- (E) II e IV.

28. Depreende-se desse trecho crítico que José Lins do Rego I. envolveu-se por algum tempo em uma produção ficcional de base memorialística, voltada para importante ciclo econômico nordestino. II. reiterou, no romance Pureza, a virtude de produzir obras ficcionais com base em experiências recolhidas de sua infância em engenhos de açúcar. III. tranquilizou, com o romance Pureza, quem já demonstrava preocupação com obsessões temáticas que vinham marcando sua obra. Em relação ao enunciado está correto o que se afirma em (A) I, II e III. (B) I e II, somente. (C) II e III, somente. (D) I e III, somente. (E) III, somente.	30. Comparando diferentes autores e textos do nosso período colonial, Alfredo Bosi (A) conclui que, apesar de sutis diferenças entre eles, todos são classificáveis como crônicas históricas. (B) vê como significativa a distinção entre o simples relato de um estado de coisas e uma projeção histórica. (C) procura perceber as diferenças estilísticas entre eles, único critério que permite distingui-los. (D) percebe que há, em todos eles, alguma irritação com a resistência do colonizador a se afastar do litoral. (E) constata que nenhum deles reuniu condições para avaliar o processo colonial em sua dimensão histórica.
<u>Atenção:</u> Para responder às questões de números 29 e 30 considere o texto abaixo. <i>Nem sempre é fácil distinguir a crônica da história, quando se lida com textos do nosso período colonial. Entretanto, se é um fato que as páginas de Gândavo e de Gabriel Soares de Souza sabem antes a relatório que a reflexão sobre acontecimentos, já na História do Brasil de Frei Vicente de Salvador reponta o cuidado de inserir a experiência do colono em um projeto histórico luso-brasileiro. O que explica as críticas de Frei Vicente à relutância do português em deixar o litoral seguro (onde vive “como caranguejo”) e o consequente desleixo em face da riqueza potencial da terra.</i> (Alfredo Bosi, História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 28) 29. Diferentemente da “relutância do português em deixar o litoral seguro”, bandeirantes adentraram o chamado “sertão” e dentre suas principais motivações, pode-se citar (A) o apresamento de índios, visto que a comercialização dos mesmos era uma atividade econômica fundamental para a subsistência dos povoados nascentes no Sudeste, bem como a busca por metais preciosos. (B) a expansão das fronteiras brasileiras, uma vez que a existência ilegal de núcleos de povoamentos espanhóis, franceses e holandeses no interior do território ameaçavam o domínio colonial português. (C) a missão civilizatória atribuída aos bandeirantes pela Companhia de Jesus e pela própria Coroa Portuguesa, uma vez que pouca gente se dispunha a catequizar os índios que viviam distantes do litoral. (D) a necessidade do combate militarizado aos quilombos que proliferavam no Sudeste e no Sul, prática financiada pelos comerciantes de escravos que foi denominada “sertanismo de contrato”. (E) a urgência da Coroa portuguesa em povoar as terras do “sertão” e instituir práticas culturais, como o uso da língua portuguesa, que contribuíssem para garantir o poder da metrópole sobre a população nativa.	<u>Atenção:</u> Para responder às questões de números 31 e 32 considere o texto abaixo. <i>A corrida para o ouro fundará cidades, lastreará um novo ciclo da colonização, que será erguido, porém, sobre a cobiça, a opressão, a barbárie. É a hora de a poesia dizer:</i> <i>“Mil galerias desabam; mil homens ficam sepultos; mil intrigas, mil enredos, prendem culpados e justos. Já ninguém dorme tranquilo, que a noite é um mundo de sustos.”</i> <i>A história vai correndo, e há quem conte, se é historiador da máquina econômica, quanto ouro foi arrancado aos socavões de Vila Rica, quanto chegou ao reino, quanto passou às mãos dos mercantes da astuta Inglaterra. A lírica, porém, pede momentos de contemplação, e pode focalizar o caso de uma donzela assassinada por um pai que sofre vê-la enamorada de um jovem de condição desigual; e de ouro é feito o punhal, arma do crime.</i> (Adaptado de Alfredo Bosi, Céu, Inferno. São Paulo: Duas Cidades, 2003, p. 142-43) 31. Dentre os fatores que contribuíram para que o ouro brasileiro passasse “às mãos dos mercantes da astuta Inglaterra”, pode-se citar (A) o Tratado de Methuen, acordo comercial entre Portugal e Inglaterra, que implicava em facilidades alfandegárias e teve como consequência a intensificação da dependência econômica portuguesa. (B) a hegemonia inglesa em matéria de prospecção, extração, fundição e lapidação de minérios, que tornou Portugal dependente dessa tecnologia, principalmente com a escassez do ouro de superfície. (C) o Tratado dos “panos e vinhos”, ao estipular que produtos de alto valor no mercado e bastante consumidos na Colônia, como os tecidos ingleses e os vinhos portugueses, deveriam ser pagos exclusivamente em barras de ouro. (D) o endividamento português em relação à Inglaterra, país que financiou capital necessário para a instauração das linhas férreas que transportavam o ouro fundido aos portos litorâneos. (E) o Tratado de Lisboa, que regulamentou as relações econômicas bilaterais entre Portugal e Inglaterra, conferindo exclusividade aos mercadores ingleses na exportação de produtos manufaturados às colônias portuguesas.

32. O crítico Alfredo Bosi está aqui considerando a maneira como Cecília Meireles, (A) no Romanceiro da Inconfidência, convoca os recursos da sátira para caracterizar os desmandos portugueses na província mineira. (B) no Romanceiro da Inconfidência, combina processo narrativo, matéria histórica geral e iluminação de aspectos poético-passionais. (C) em Invenção de Orfeu, sabe explorar tanto a variedade de medidas rítmicas como a profusão de temas extraídos da história colonial. (D) em Invenção de Orfeu, alterna momentos de notação realista e recursos de literatura fantástica, amparados em lendas ou memórias pessoais. (E) em livros como Viagem e Mar absoluto, vale-se das formas da epopeia para desenvolver uma narrativa apoiada em pesquisa histórica.	34. Exercem papel fundamental, nesses versos de Shelley, elementos temáticos e recursos literários que também se encontram na poesia de Castro Alves: I. indignação com o estado de servidão da criatura; II. emprego de vocativo e de apóstrofes, com função dramática; III. emprego de imperativos, com sentido convocatório; IV. paralelismos sintáticos, como forma de composição. Atende ao enunciado o que está em (A) I, II, III e IV. (B) I, II e III, somente. (C) II, III e IV, somente. (D) I, III e IV, somente. (E) I e III, somente.
<u>Atenção:</u> Para responder às questões de números 33 e 34 considere o texto abaixo. <i>Homens da Inglaterra, por que arar</i> <i>Para os senhores que vos mantêm na miséria?</i> <i>Por que tecer com esforço e cuidado</i> <i>As ricas roupas que vossos tiranos vestem?</i> (...) <i>Semeai - mas que o tirano não colha.</i> <i>Produzi riqueza – mas que o impostor não a guarde.</i> <i>Tecei roupas – mas que o ocioso não as vista.</i> <i>Forjai armas - que useis em vossa defesa.</i> (Trechos do poema “Aos Homens da Inglaterra”, de Shelley (1792-1822) In Leo Huberman. História da riqueza do homem. Trad. 18 ed. RJ: Zahar, 1982, p. 206) 33. Dentre as reações dos trabalhadores ingleses às consequências da Revolução Industrial, que se pode relacionar ao poema, destacam-se (A) movimentos operários de massa que, por meio de sindicatos organizados, empreenderam greves pacíficas a fim de obter melhorias salariais e reverter a mecanização do setor têxtil. (B) ações armadas do chamado movimento ludista, de orientação socialista e de caráter militarizado, que lutava contra o despotismo esclarecido vigente na monarquia inglesa. (C) rebeliões camponesas em defesa das manufaturas domésticas e das pequenas propriedades que haviam sido abolidas com a decretação do <i>Reform Act</i> e com a execução dos cercamentos. (D) manifestações de trabalhadores e intelectuais em defesa da democracia parlamentar e da igualdade social, que clamavam pela revogação do documento conhecido como <i>Carta do Povo</i>. (E) formas violentas de protesto contra a exploração empreendida pela burguesia industrial, como a destruição de máquinas, colheitas e minas, por trabalhadores urbanos e rurais.	<u>Atenção:</u> Para responder às questões de números 35 e 36 considere o texto abaixo. <i>A guilhotina, máquina criada para decapitar pessoas, foi adotada na França pela primeira vez em 1792, em razão dos apelos do médico parisiense Joseph Guillotin, que defendia o direito dos condenados à morte a um fim rápido e sem dor.</i> <i>Até então, os métodos de execução utilizados eram basicamente a forca, o esgarçamento e as diversas variantes do suplício da roda – como a que colocava uma pessoa amarrada na parte externa de uma roda e, sob ela, brasas incandescentes. Conforme o carrasco girava a roda, a pessoa era “assada” viva, diante da população que se reunia para ver a cena.</i> <i>Com a propagação dos ideais iluministas, os suplícios passaram a ser, cada vez mais, encarados como uma afronta à dignidade humana, um símbolo da tirania. Assim, o século XVIII marca o início de um longo processo que resultará em uma nova concepção de justiça. No século XX, mais do que punir, a justiça terá como missão promover a reinserção na sociedade daqueles que cometeram crimes. As prisões tornaram-se locais que deveriam garantir a “reeducação” dos indivíduos que não souberam (ou não puderam) viver conforme as regras sociais.</i> (Michel Foucault. <i>Vigiar e punir</i>. Trad. Petrópolis: Vozes, 1989; Michel Vovelle. <i>Imagens e imaginários na História</i>. São Paulo: Trad. Ática, 1997. In Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi. História, série Brasil. São Paulo:Ática, 2005, p. 256) 35. O texto de Michel Foucault faz referência a uma máquina muito utilizada na Revolução Francesa, particularmente, sob o regime do Terror. O conhecimento histórico permite inferir que durante esse regime, a (A) revolução implantou o “despotismo da liberdade”, pelo medo e, abriu caminho para a reação burguesa. (B) nobreza abriu mão de seus privilégios senhoriais e favoreceu a proclamação da República francesa. (C) burguesia transformou em leis todas as conquistas revolucionárias e, assim, garantiu sua hegemonia política. (D) convenção reconduziu a revolução para os interesses da burguesia e cancelou os direitos da população. (E) monarquia insuflou o povo com ideias revolucionárias e, assim, abriu caminho para o golpe de 18 brumário.

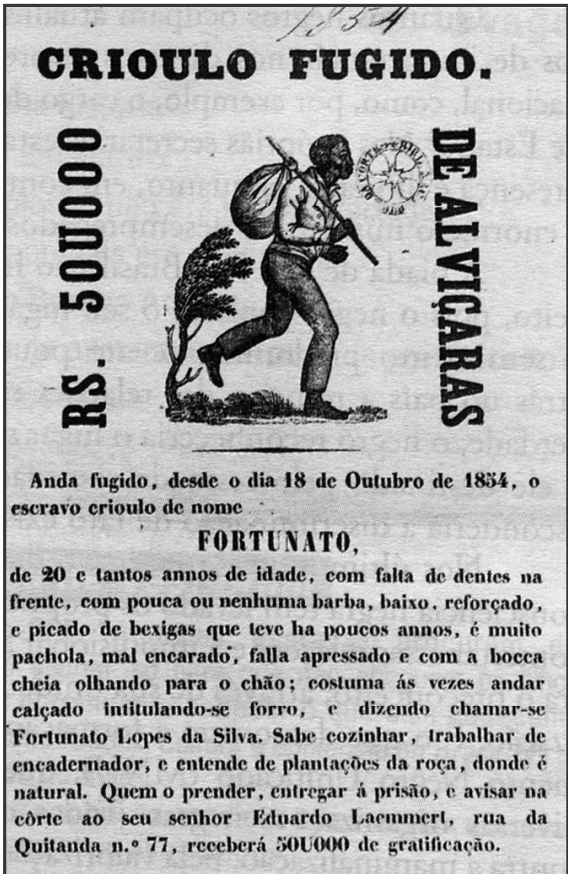
36. A propagação dos ideais iluministas revela-se como fator de influência sobre a nossa literatura, quando se atenta para
- (A) a propagação das academias literárias e sua decisiva participação nos projetos estéticos tanto do Romantismo como do Realismo.
 - (B) a documentação em que manifestam sua preocupação com o destino de nossa terra os viajantes que para cá vieram nos séculos XVI e XVII.
 - (C) os princípios estéticos e as convicções ideológicas de poetas e intelectuais como Tomás Antonio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa.
 - (D) o sentido nacionalista da produção de Gonçalves de Magalhães e Castro Alves, enfatizado no tom épico de seus poemas e manifestos.
 - (E) a insistência com que escritores satíricos do período barroco se empenham em ridicularizar a irracionalidade mesma do processo colonial.

Atenção: Para responder às questões de números 37 e 38 considere o texto abaixo.

Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo: a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

(Machado de Assis, “Pai contra mãe”. **Os melhores contos de Machado de Assis**. Seleção de Domício Proença Filho. S. Paulo: Global, 1985, p. 282)

Considere também a ilustração e o texto que segue.



Anúncio da fuga de um escravo, “dizendo chamar-se Fortunato Lopes da Silva”. (Nelson Piletti. **História do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996, p.103)

Na busca de afirmação internacional, D. Pedro II e seus diplomatas procuraram apresentar no exterior a imagem de um país jovem, moderno e com grande potencial de desenvolvimento. O fim do tráfico negreiro, em 1850, era usado como exemplo de que a nação caminhava em direção ao fim da escravidão, prática inaceitável para uma “nação civilizada”. Ao mesmo tempo, o governo imperial colocou todo o seu empenho na modernização do Rio de Janeiro, principal cartão postal da jovem nação.

(Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi. **História: série Brasil**. São Paulo: Ática, 2005, p. 347)

37. O fragmento do conto de Machado de Assis, a ilustração e o texto permitem inferir que, no Segundo Reinado,
- (A) a modernização da sociedade brasileira que, embora mantivesse uma estrutura tradicional de organização social, promoveu a extinção de formas de instituições condenadas pelo progresso da época.
 - (B) a fuga do escravo era uma forma de manter tradições africanas e preservar a cultura original e resistir às transformações impostas pelo projeto “civilizatório” e de progresso da cidade do Rio de Janeiro.
 - (C) as contradições de uma sociedade que, embora se pretendesse civilizada e consoante com o progresso geral do século, mantinha instituições e formas condenadas por esse mesmo progresso.
 - (D) a convivência social, marcada pela violência e injustiça, era combatida pelas elites nacionais que insistiam na existência de relações civilizadas entre as classes dominantes e as dominadas.
 - (E) o trabalho dos capitães do mato era muito valorizado porque a captura de um escravo fugido representava uma forma de denunciar as contradições entre modernização e as práticas pouco civilizadas.

38. Uma das táticas do irônico narrador machadiano é simular que está justificando um ato de violência para assim intensificar essa mesma violência. Tal estratégia se verifica no trecho acima, mais particularmente no elemento sublinhado em: (A) <u>pegar escravos</u> fugidos era um ofício do tempo. (B) a inaptidão para <u>outros trabalhos</u>. (C) por ser um <u>instrumento da força</u>. (D) com que se mantém <u>a lei e a propriedade</u>. (E) esta <u>outra nobreza</u> das ações reivindicadoras.	40. Embora não tenha alcançado a força que logrou ter na Europa, a arte dos impressionistas e dos simbolistas chegou a se fazer presente, tal como o indicam os recursos explorados em versos como estes, do estreante Manuel Bandeira de A cinza das horas: (A) <i>Trinta e três anos andou sem temer nenhum perigo, moendo-se como o trigo, até que o desempenhou.</i> (B) <i>Pouco a pouco, porém, a muralha de treva vai perdendo a espessura, e em breve se adelgaça como um diáfano crepe, atrás do qual se eleva a sombria massa das serranias.</i> (C) <i>Água do meu Tietê, onde me queres levar? - Rio que entras pela terra E que me afasta do mar...</i> (D) <i>A bomba é uma flor de pânico apavorando os floricultores A bomba é o produto quintessente de um laboratório falido A bomba é miséria confederando milhões de misérias</i> (E) <i>poesia em tempo de fome fome em tempo de poesia poesia em lugar do homem pronomes em lugar do nome</i>
Atenção: Para responder às questões de números 39 e 40 considere o texto abaixo. <i>Na virada dos séculos XIX e XX, apesar das ameaças de guerra, as sociedades europeias e as elites coloniais viviam um clima de otimismo. A tecnologia, a urbanização e as riquezas produzidas em todo mundo eram usufruídas em Paris, Londres, Bruxelas e Berlim. A indústria europeia de bens de consumo de luxo, de vinhos e diversão atraía visitantes de todo o mundo.</i> <i>As elites descobriram a pintura dos franceses, como os impressionistas Claude Monet (1840-1926), Pierre-Auguste Renoir (1841-1919) e Edgar Degas (1834-1917), os pós-impressionistas Paul Cézanne (1839-1906) e Paul Gauguin (1848-1903) e o pontilhismo de Georges Seurat (1859-1891) e o holandês Vincent van Gogh (1853-1890).</i> <i>Em 1874, Monet expunha seu quadro Impressão, o nascer do sol numa mostra coletiva. Essa obra daria nome ao impressionismo, movimento que revolucionou a técnica pictórica.</i> (...) (Heródoto Barbeiro, Bruna R. Cantele e Carlos A. Schneeberger. História: de olho no mundo do trabalho. São Paulo: Scipione, 2004, p. 373)	Atenção: Para responder às questões de números 41 e 42 considere o texto abaixo. <i>Pessoalmente, o que mais me atrai nos livros de Machado de Assis é o tema da transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. A esse tema se liga a famosa teoria do Humanitismo, elaborada por um dos seus personagens, o filósofo Quincas Borba, doido e por isso machadeamente lúcido</i> (...) <i>Os críticos interpretam o Humanitismo como sátira ao positivismo em geral e ao naturalismo filosófico do século XIX, principalmente sob o aspecto da teoria darwiniana da luta pela vida com sobrevivência do mais apto.</i> (Adaptado de Antonio Candido, Vários escritos. S. Paulo: Duas Cidades, 1970, p.28)
39. Pode-se associar ao contexto histórico a que o texto de Heródoto Barbeiro descreve, (A) a redução do crédito e a diminuição do poder de compra das nações europeias, que impulsionaram a produção industrial e a conquista de colônias fornecedoras de matérias-primas. (B) o nazismo que, ao utilizar métodos racionais de desenvolvimento industrial do país, estimulou importantes setores da economia europeia e a competição por mercados afro-asiáticos. (C) o estado de tensão internacional causado pela política de hostilidade entre as nações europeias que, ao impedir um conflito armado direto na região, promoveu o crescimento econômico. (D) a expansão econômica e o desenvolvimento dos nacionalismos, que geraram um clima de rivalidade entre as nações europeias e levaram à disputas por territórios e mercados consumidores. (E) a rápida prosperidade econômica e a expansão da produção industrial nas colônias que, ao inundar o mercado europeu com produtos de baixo preço, provocaram uma mudança comportamental na sociedade.	41. É correto afirmar que, na segunda metade do século XIX, no Brasil, o positivismo (A) foi uma ideologia assumida pela oligarquia paulista em defesa de um governo centralizado e desenvolvimentista, empenhado em industrializar o país. (B) orientou o nascente movimento operário nas principais capitais brasileiras, ao ter vários de seus princípios fundidos ao marxismo e ao darwinismo social. (C) embasou as ações políticas da Maçonaria, como a proliferação de Irmandades Leigas voltadas ao assistencialismo, e à defesa da ordem e do progresso. (D) sustentou ideologicamente a política de conciliação executada pela "Liga Progressista" durante o final do Segundo Reinado. (E) influenciou o pensamento republicano e foi particularmente presente na formação dos militares que conformaram o Exército Brasileiro.

42. No julgamento que Antonio Candido faz das obras de Machado de Assis, o crítico está ressaltando um aspecto (A) estilístico: o contraste entre a velha retórica e a oralidade naturalista. (B) histórico: a atitude do sujeito irracional diante do humanismo lusitano. (C) temático: o sacrifício de valores humanos ao princípio da autopreservação. (D) estilístico: a eliminação do discurso racional pelo discurso da loucura. (E) temático: a prevalência dos valores iluministas dentro da ordem cívica.	44. Nessa crônica, as considerações feitas por Graciliano Ramos acerca do fenômeno do cangaço recaem, mais precisamente, sobre (A) a conversão consciente da violência em ato de injustiça, tal como ocorre com os retirantes. (B) a transformação da rebeldia em submissão, que é também o tema central de seus romances. (C) a decadência dos engenhos e os atos de vandalismo gerados pela mão de obra ociosa. (D) o processo de sublevação do homem da terra e de sua afirmação como sujeito violento e decidido. (E) a justificação inaceitável que os adeptos do banditismo dão para seus atos de violência e vandalismo.
<u>Atenção:</u> Para responder às questões de números 43 e 44 considere o texto abaixo. <i>No começo da vida sofreu Lampião numerosas injustiças e suportou muito empurrão. Arrastou a enxada de sol a sol, ganhando dez tostões por dia, e o inspetor de quarteirão, quando se aborrecia dele, amarrava-o e entregava-o a uma tropa, que o conduzia para a cadeia da vila. Aí ele aguentava uma surra de vergalho de boi e dormia com o pé no tronco.</i> <i>As injustiças e os maus-tratos foram grandes, mas não desencaminharam Lampião. Ele é resignado, sabe que a vontade do coronel tem força de lei e pensa que apanhar do governo não é desfeita. O que transformou Lampião em besta-fera foi a necessidade de viver. Enquanto possuía um bocado de farinha e rapadura, trabalhou. Mas quando viu em redor dos bebedouros secos o gado mastigando ossos, quando já não havia no mato raiz de imbu ou caroço de mucunã, pôs o chapéu de couro, o patuá com orações da cabra preta, tomou o rifle e ganhou a capoeira. Lá está como bicho montado.</i> (Graciliano Ramos, Revista Novidade n. 1. Maceió, abril /1931) 43. Considere o texto de Graciliano Ramos e os itens abaixo. I. O movimento do cangaço foi fruto do mundo de violências que marcavam as relações na área rural e tinham na força a sua principal lei. II. A ação militar do governo contra o movimento do cangaço deveu-se ao fato de seus seguidores adotarem posições antirrepublicanas e ameaçarem o poder político dos grandes proprietários rurais. III. O cangaço, ao atrair sertanejos em busca de melhores condições de vida, diminuía o contingente de mão de obra nas fazendas e incentivava o ódio dos latifundiários. IV. A intensificação à repressão efetiva ao cangaço ocorreu sobretudo no governo Vargas, que tinha a intenção de colocar o sertão nordestino sob o controle federal e de acabar com o poder regional dos coronéis e com as organizações paramilitares. Considerando o contexto histórico brasileiro, em que ocorreu o movimento do cangaço, é correto o que se afirma SOMENTE em (A) I e II. (B) I e III. (C) I e IV. (D) II e III. (E) III e IV.	<u>Atenção:</u> Para responder às questões de números 45 e 46 considere o texto abaixo. <i>A senhora já deve ter lido que em 1930 os gaúchos invadiram a capital, amarraram seus cavalos no obelisco e jogaram nossas tradições no lixo. Tempos mais tarde um prefeito esclarecido reabilitou meu pai, dando seu nome a um túnel. Mas vieram os militares e destituíram papai pela segunda vez, rebatizaram o túnel com o nome de um tenente que perdeu a perna.</i> (Chico Buarque. Leite derramado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 77) 45. A invasão descrita no texto foi resultante (A) da ação da Aliança Libertadora, comandada pela elite gaúcha que, insatisfeita com a Política do “café com leite” que só beneficiava Minas Gerais e São Paulo, decide tomar o poder. (B) da decisão de políticos identificados com a Aliança Liberal, aliados a tenentes, em impedir a posse de Júlio Prestes, que havia sido eleito presidente em 1930 e representava os interesses da oligarquia paulista. (C) da investida da Coluna Prestes, a maior ação militar vinculada ao tenentismo, após percorrer diversos estados brasileiros e solicitar apoio de diversos setores sociais para destituir o sistema político vigente. (D) do golpe empreendido por Getúlio Vargas, tenente gaúcho que se candidatara à presidência mas perdera as eleições, e conquistara o apoio popular necessário para garantir seu governo revolucionário. (E) da reação das oligarquias do Rio Grande do Sul e de São Paulo ao poder hegemônico proveniente da capital, Rio de Janeiro, que até então comandava econômica e politicamente a chamada República Velha. 46. Nesse trecho de romance, o narrador (A) acusa sua presença, em solilóquio, enquanto lembra velhas tradições da família. (B) mantém-se impessoal, informando sobre o passado de uma personagem da história brasileira. (C) acusa sua presença, numa interlocução, comentando alternâncias da política nacional. (D) mantém-se impessoal, afetando uma interlocução, criticando a estaticidade da política brasileira. (E) acusa sua presença, numa página de carta, enquanto cria quadros delirantes que dá como históricos.

Atenção: Para responder às questões de números 47 e 48 considere o texto abaixo. <i>Uma família isolada mudava-se de suas terras. O pai pedira dinheiro emprestado ao banco e agora o banco queria as terras. A companhia das terras quer tratores em vez de pequenas famílias nas terras. Se esse trator produzisse os compridos sulcos em nossa própria terra, a gente gostaria do trator, gostaria dele como gostava das terras quando ainda eram da gente. Mas esse trator faz duas coisas diferentes: traça sulcos nas terras e expulsa-nos dela. Não há quase diferença entre trator e um tanque de guerra. Ambos expulsam os homens que lhes barram o caminho, intimidando-os, ferindo-os.</i> (John Steinbeck. As vinhas da ira) (Heródoto Barbeiro, Bruna R. Cantele e Carlos A. Schneeberger. História: de olho no mundo do trabalho. São Paulo: Scipione, 2004, p. 413) 47. Com base no conhecimento histórico, é correto afirmar que Steinbeck, em As vinhas da ira, trata dos efeitos da (A) Conquista do Oeste sobre as grandes propriedades rurais no oeste americano e defende as formas de exploração das grandes empresas proprietárias de terras e capital. (B) Grande Depressão sobre pequenas famílias de fazendeiros do meio-oeste americano e ataca os métodos industriais agrícolas e o poderio de grandes empresas e bancos. (C) Revolução Industrial sobre os trabalhadores do meio rural da região sul norte-americana e do desenvolvimento tecnológico que expulsava os pequenos proprietários de terras. (D) Guerra de Secessão sobre os pequenos produtores agrícolas do oeste americano e critica as formas de exploração da mão de obra que empobrecia as famílias dos fazendeiros. (E) Primeira Guerra Mundial sobre as famílias de camponeses da região norte-americana e condena os meios utilizados pelos bancos nos empréstimos à produção agrícola familiar.	Atenção: Para responder às questões de números 49 e 50 considere o texto abaixo. <i>Na década de 50 do século passado, quando a necessidade de reconstrução de parte do mundo obrigava a pensar em novos projetos, ou quase mesmo em uma nova civilização, o Brasil viveu com alguma euforia seus compromissos com uma ampla modernização. Não por acaso, as artes também deram voz a esse desejo de modernidade, o que se refletiu, por exemplo, em “planos-pilotos” de uma nova poesia. Imbuídos da supremacia de um senso técnico da linguagem, os poetas do Concretismo se apresentaram como porta-vozes de novas necessidades, entendendo que para atendê-las era preciso superar de vez não apenas os traços líricos da poesia tradicional, mas a existência mesma do verso como unidade definidora de um poema. Propunham-se, por assim dizer, a investir numa espécie de infraestrutura revolucionária da poesia brasileira, uma espécie de indústria siderúrgica básica que enterraria de vez o passadismo de um Brasil bucólico e sentimental.</i> (Aderbal Tourinho Veiga, <i>inédito</i>) 49. A julgar o que diz o autor desse trecho crítico, considerando-se a relação nele desenvolvida, (A) movimentos artísticos de vanguarda ocorrem, por definição, com inteira independência das circunstâncias históricas em que surgem. (B) desenvolvimento tecnológico e recursos de criação artística podem ocorrer de modo associado, como foi o caso da poesia do Concretismo. (C) o Concretismo foi um movimento poético que surgiu como forma de reação contra o período de estagnação econômica no Brasil do pós-guerra. (D) os “planos-pilotos” da nova poesia dos anos 50 tinham como principal meta a restauração do verso livre, tal como o propuseram os modernistas. (E) a década de 50 do século passado, apesar de ter sido realizadora quanto ao aspecto econômico, não logrou superar limites de uma arte passadista.
48. A modernização no campo, incrementada pela tecnologia e pelo poder do capital, pode trazer como consequência o desenraizamento de famílias e o desaparecimento de valores de culturas tradicionais. Encontra-se a representação desse tema no romance (A) S. Bernardo, em que o violento proprietário Paulo Honório é também um fazendeiro atento ao progresso. (B) Grande sertão: veredas, em que as preocupações modernizantes do autor não impedem que ele lamente o fim de uma civilização. (C) Macunaíma, em que a questão agrária é pioneiramente tratada com todo o peso político que ela implica. (D) Os sertões, em que a autoridade do estado e os interesses dos patrões põem fim à rebelião dos camponeses. (E) A hora da estrela, em que a protagonista, oriunda do campo, enfrenta heroicamente as agruras da rotina metropolitana.	50. É possível associar a euforia vivida no Brasil, a que Aderbal Tourinho faz referência, ao Plano de Metas, de Juscelino Kubitschek. Pode-se afirmar que embora o êxito desse Plano, tenha sido inegável, alguns de seus resultados ficaram a desejar, pois, (A) o planejamento econômico produziu o desenvolvimento industrial e empobrecer a população por meio do arrocho salarial dos trabalhadores. (B) a expansão econômica favoreceu os grupos mais ricos da sociedade e promoveu extrema desigualdade na distribuição de renda. (C) o processo de criação da moderna legislação social brasileira foi interrompida e conduziu a um retrocesso do movimento operário sindical. (D) a concentração de renda gerou a miséria e preparou a onda de violência urbana que explodiria uma década depois nas grandes cidades. (E) a expansão industrial beneficiou apenas algumas regiões do país e alimentou as desigualdades regionais, as migrações e o êxodo rural.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

